

## SILENCIAMENTOS DA INFÂNCIA: A PARTIR DA CRÔNICA “QUANDO A ESCOLA É DE VIDRO.”

Sibelly Miranda<sup>1</sup>

Ana do Carmo Goulart Gonçalves<sup>2</sup>

O presente trabalho busca refletir sobre o silenciamento da infância e o disciplinamento de seus corpos, tendo como ilustração os sujeitos da *Escola de Vidro*, de Ruth Rocha, sob a perspectiva dos conceitos do filósofo francês Michel Foucault. Em sua obra, Foucault aponta o disciplinamento dos corpos como ferramentas de objetivação da produção de sujeitos, entendendo a escola como uma instituição de sequestro desses corpos, mas também de possibilidades de rupturas dentro desse mecanismo. Assim, no decorrer do texto, a ficção da crônica e as concepções de escola e sujeito presentes na sociedade contemporânea se entrelaçam.

O texto corresponde à crônica *Quando a Escola é de Vidro*, de Ruth Rocha, retirada do livro de literatura infantil denominado: *Este Admirável Mundo Louco*. A crônica conta a história de um menino chamado Firuli, recém-chegado a uma escola que mantinha seus estudantes cerceados em vidros. No entanto, Firuli não cabia em vidro algum e passou a assistir às aulas de fora do vidro, assim, tornando-se um problema para a escola e para a professora, intrigando seus colegas e levando a uma grande surpresa.

Na leitura, os “vidros” podem ser interpretados como as práticas de disciplinamento, que têm como objetivo extrair o tempo do indivíduo, restringi-lo somente para fins da instituição, controlar seus corpos, ditando o que fazer e, também, onde e como o que fazer com eles, e, por último, impor um novo tipo de poder, “[...] Um poder polimorfo, polivalente” (FOUCAULT, 2014, p. 120) sendo ele econômico, político e judiciário. Assim, a escola de Firuli representa a escola como instituição de sequestro, como Foucault mostra, uma instituição pedagógica que corrige e vigia os indivíduos, extrai seu tempo e controla seus corpos. A

1 sibellymiranda@gmail.com

2 acarmogg@gmail.com

educação da infância insere-se, pois, num conjunto de tecnologias políticas que vão investir na regulação das populações, por meio de processos de controle e de normalização (BUJES, 2002, p. 26). A criança passa a ser vista como um sujeito que precisa estar em constante movimento de aprender para ser, para tornar-se.

Ao não caber em vidro algum, Firuli recebeu alguns adjetivos negativos, uma vez que era visto como diferente para os colegas e talvez um pouco “louco/anormal”, que fugia da normalidade, assim, parafraseando os “anormais” (FOUCAULT, 1975). Em seu curso no Collège de France de 1975, Michel Foucault nos ensina que a psiquiatria construiu essa categoria, ao longo do século XIX, a fim de poder se apresentar como um vasto empreendimento de higiene política e moral – é, em parte, formado por “incorrigíveis” o povo dos “anormais” (Gros, 2018, p. 6) [grifo do autor]. Entende-se por incorrigível

[...] o indivíduo incapaz de se submeter às normas do coletivo, de aceitar as regras sociais, de respeitar as leis públicas. São os estudantes turbulentos, preguiçosos, incapazes de seguir ordens; [...] desleixados, embromadores, os marginais recalcitrantes, [...]. O indivíduo incorrigível é aquele diante do qual os aparelhos disciplinares (a escola, a Igreja, a fábrica...) [...] continua incapaz de progresso, inapto para reformar sua natureza e superar seus instintos. (GROS, 2018, p. 6)

Ao longo da leitura, a imagem de Firuli cada vez mais se aproxima de um aluno incorrigível, seu comportamento anormal acaba influenciando seus colegas e tentando-os a descobrir como é estar fora do vidro, já que, segundo o livro, “[...] muitas meninas usavam o vidro até em casa, e alguns meninos também.” Isso porque, para Foucault, o poder não está localizado somente no Estado, as relações de poder são múltiplas, microfísicas e capilares (FOUCAULT, 1990), e estende-se por toda a parte, logo, o “vidro” da escola de Firuli acabava inevitavelmente sendo usado em outros espaços.

Esses vidros (entende-se como disciplina) são como um modo de controle dos indivíduos, em que, por meio da vigilância e da sensação de uma possível liberdade, faz com que os sujeitos se tornem dóceis, moldáveis e, de certa forma, iguais, padronizados. Mas, Firuli, ao ser um incorrigível, com comportamentos anormais e não cabendo em um vidro, acaba construindo as fissuras dentro das engrenagens das quais Foucault (1995) nos fala.

Guattari faz-nos questionar como as crianças se prendem às semióticas dominantes, ao ponto de perderem muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão (GUATTARI, 1987, p. 50), Ele entende que o processo de

escolarização é responsável por limitar a criatividade infantil, vez que há dentro do espaço escolar um certo “abafamento” das infâncias, em nome de uma organização social que gira em torno da produção, e nessa organização não há espaço para criar por lazer, não há espaço para o deleite. Assim, “[...] os discursos sobre a criança impõem uma generalização do que é ser um sujeito infantil, escamoteando as várias infâncias que vêm sendo, ao longo do tempo, constituídas” (RESENDE, 2010, p.253).

Ainda, esses discursos, o que se diz sobre a criança e sobre sua própria história, corrobora a caracterização de uma infância “[...] atemporal, ingênua, sem condição de falar, de ser ouvida. Constrói-se, assim, uma infância pautada na continuidade cronológica, no tempo como sucessão e sequência de etapas do desenvolvimento” (RESENDE, 2010, p. 252), uma espécie de corrida em que os sujeitos não têm direito de expor e exercer suas vontades pois ainda não possuem “capacidade” para tal, já que são “imaturas”.

Essas rupturas que Firuli cria nas regras acaba influenciando seus colegas, e, para desgosto dos professores, muitas crianças começam a sair de seus vidros, até que se percebeu que muitos vidros quebraram durante o processo, e, por esse motivo, os professores desistem de tentar colocar os alunos de volta ao vidro pois tornar-se-ia “muito caro” consertar todos.

Entende-se que a criança é um ser paradoxal, dita frágil, mas, ao mesmo tempo, ameaça a ordem social com a diversidade subjetiva que carrega consigo, pois a “[...] criança que passa a ter características e sensibilidades próprias é vista também como [...] desafio, risco” (BUJES, 2002, p. 48); utilizaremos desses riscos, dessas diversidades como potência para tais fissuras, a fim de que, dentro do possível, possamos nadar contra essa organização social que visa “[...] extirpar da criança, o mais cedo possível, sua capacidade específica de expressão e em adaptá-la, o mais cedo possível, aos valores, significações e comportamentos dominantes” (GUATTARI, 1987, p. 53).

O sistema da escola demonstrava um potencial fracasso, ao passo que as crianças não cabiam nos vidros, algumas ficavam muito apertadas, segundo o personagem narrador: “[...] ninguém nunca se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E para falar a verdade, ninguém nunca cabia direito” e “[...] se não passasse de ano era um horror, você tinha que usar o mesmo vidro do ano passado, coubesse ou não coubesse” sem sequer considerar que as crianças não eram lineares e, sim, espectrais, não cabiam em um senso de julgamento binário, pois

[...] para a disciplina não se trata nem de expiar uma culpa nem de reprimir, mas de referir as condutas do indivíduo a um conjunto

comparativo, em diferenciar os indivíduos, medir capacidades, impor uma “medida”, traçar a fronteira entre o normal e o anormal. [...] A norma, por sua vez, pretende homogeneizar. A norma funciona em um sistema binário de gratificação e sanção; para ela, castigar é corrigir (CASTRO, 2016, p. 112)

Nesse sentido, a escola, ao condicionar todas as crianças dentro de vidros, tinha como objetivo limitá-las, reprimi-las, tornar a turma homogênea e disciplinada, ao passo que não considerava todas as suas particularidades. No entanto, vez ou outra, aparecem pontos de resistência, possibilidades de pequenas fissuras, mudanças.

A partir da leitura da crônica *Quando a Escola é de Vidro*, é possível construir um paralelo com a escola real, a escola que também disciplina, que “[...] define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que faça o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Tem como principal finalidade a disciplina, portanto, fabricando corpos dóceis e úteis, aumentando sua potencialidade econômica e diminuindo sua capacidade de não ser dominada, individualizando o indivíduo (CASTRO, 2016).

Mas, embora o professor esteja inserido num regime de verdade que delimita sua ação educativa, somente a “[...] codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução” (FOUCAULT, 1977, p. 92). Tal qual o personagem Firuli, que modifica todo um sistema da escola, a partir desses pontos de resistência, construindo pequenas rupturas, resultando em vidros quebrados, à medida que instiga a curiosidade de seus colegas, ao verem-no assistir às aulas fora do vidro. Ainda que as estruturas não se movam, existe uma escola outra, “[...] seria aquela que longe de se adequar, explode, transborda, cria, fascina, encanta [...]” (GALLO; MONTEIRO, 2020, p. 187). E que não sejamos um “professor profeta” (GALLO, 2002, p.170) que do alto de sua sabedoria diz aos outros o que deve ser feito, mas que possamos reconhecer a escola como ferramenta que produz sujeitos, e pensar que tipo de sujeitos para cuja construção nossa prática está contribuindo.

**Palavras-chave:** Escola; Infância; Disciplina.

## REFERÊNCIAS

BUJES, M. I. E. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: **Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1977

GALLO, Sílvio. **Em Torno de uma Educação Menor**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.

GALLO, Sílvio; MONTEIRO, Alexandrina. **Educação Menor Como Dispositivo Potencializador De Uma Escola Outra**. Rematec, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 185–200, 2020.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RESENDE, H. DE. **Notas sobre modernidade, pedagogia e infância a partir de Michel Foucault**. ETD - Educação Temática Digital, v. 12, n. 1, p. 242, 30 dez. 2010.

Rocha, Ruth. **Este Admirável Mundo Loco**. 3. ed. Salamandra. jan, 2012.